

JORNAL DA *Setembro* EDIÇÃO EXTRA

BAIXADA

Pobre, atrevido, independente



Chico Bé conferiu:
patrões não evoluíram
nada

GREVE DOS 250 MIL METALÚRGICOS

Sindicato recupera terreno depois de 15 anos de arrocho, pelego, repressão

Diretor de estaleiro ameaçou entregar fotos e fichas de operários no Doi-Codi

Mulheres na linha de frente da greve

Máquinas paradas, agora é a vez do metalúrgico.

Depois de quinze anos os metalúrgicos do Rio de Janeiro entram em greve. Para que isto fosse possível os trabalhadores praticamente reconstruíram seu sindicato, que sofreu duas intervenções — em 1964 e em 1973 — e passou vários anos nas mãos de interventores e dirigentes pelegos.

Vamos contar um pouco dessa história e da mobilização da campanha salarial, que encontrou na greve o último recurso para conseguir o atendimento de suas reivindicações. Lições que não devem ser esquecidas.

Maior categoria do Rio

O Sindicato dos Metalúrgicos sofreu uma grande repressão em 1964. Os dirigentes foram presos, exilados, e o sindicato sofreu a primeira intervenção.

Não era para menos. "São 250 mil metalúrgicos na base territorial do sindicato — Rio de Janeiro e os municípios da Baixada Fluminense, desde Itaguaí, na Raiz da Serra — embora o sindicato só tenha atualmente cerca de 20 mil sindicalizados. A maior parte dos trabalhadores está concentrada nos estaleiros, nas indústrias mecânicas, elétricas e na siderurgia (Cosigal). Mas existem milhares espalhados por mais de 5.200 empresas localizadas em Santa Cruz, Caxias, Centro e até na Zona Sul do Rio. Somente cerca de 50 fábricas têm mais de 500 operários enquanto apenas seis têm mais de cinco mil.

Apesar da intervenção de 1964, os trabalhadores fizeram uma greve de três dias em 1965, a última greve geral da categoria. De lá para cá o problema principal tem sido o da recuperação do sindicato.

Duas intervenções

Depois da intervenção de 1964, e de várias diretorias, a categoria conseguiu eleger uma chapa mais representativa em 1973. O Ministério do Trabalho interviniu novamente, sob a alegação de corrupção. E, de fato, existiu corrupção, mas da própria junta interventora, que fraudou direitos de funcionários dentistas. Eles impetraram uma ação trabalhista contra o Sindicato e que resultou numa dívida que hoje está perto dos dez milhões de cruzeiros. Sem contar a penhora da valiosa sede.

Quando terminou a intervenção, e foram convocadas as eleições, concorreram duas chapas. Uma, a dos interventores. Outra, a de trabalhadores, teve alguns membros vetados. Mesmo assim, ganhou. Apesar de eleita pela oposição esta diretoria decepcionou a categoria. Passou três anos sem fazer quase nada.

Em 1977, nova eleição. De um lado, a chapa da diretoria antiga. De outro, uma chapa de oposição, vitoriosa depois de uma ampla mobilização dos trabalhadores.

É a atual diretoria, que já encaminhou a campanha de 1978 e a do abono do meio de ano, e por isto mesmo duramente criticada. Os trabalhadores reclamam que ela não conseguiu mobilizar amplamente a categoria e foi muito tímida na condução das reivindicações. Mas, por outro lado, se criticou também a impaciência e a precipitação de um pequeno grupo de operários que quase põe a perder a preparação da campanha salarial de 1979.

Campanha de Sindicalização: Primeiro passo

A campanha de sindicalização, feita no primeiro

semestre de 1979, está na base do sucesso da atual campanha salarial. Além de trazer 8 mil novos membros para o sindicato, a campanha permitiu que grande parte da categoria participasse da ação do sindicato e discutisse os problemas das fábricas e de toda a categoria.

Comissão de salário, preparação da greve

Assim foi, em clima de entusiasmo e mobilização que se iniciou a campanha salarial. Mas, agora, com uma diferença importante em relação às anteriores: tudo era dirigido por uma grande Comissão de Salário, eleita pela Assembléia e que dividia seu trabalho por treze áreas de fábricas: Vicente de Carvalho, Inhaúma, Jacarezinho, Avenida Brasil, São Cristóvão, Jardim América, Nova Iguaçu, Caxias, Centro Sul, Construção Naval, Jacarepaguá, Campo Grande e Guadalupe.

Nada de convênios ou de acordos por cima. A Comissão de Salário teve como tarefa principal discutir com os trabalhadores das fábricas de cada região, recolher suas opiniões sobre a campanha salarial, organizar a mobilização e garantir a participação das bases.

Foram reuniões com centenas de trabalhadores em cada área, cada vez mais frequentes, à medida em que a campanha caminhava. E desta vez os metalúrgicos partiam para a campanha salarial sabendo o que queriam, dispostos a lutar. A diretoria do sindicato, apesar da falta de entusiasmo de alguns de seus membros, e até mesmo da omissão de alguns delegados sindicais, teve que se subordinar às decisões das Assembléias. Acatou o encaminhamento das comissões de áreas. E foi o que garantiu o sucesso da mobilização para a greve.

Chico Bé estava lá, na porta das fábricas, acompanhando os metalúrgicos.

da Baixada e seus colegas cariocas, vindo de perto a paralisação, testemunhando a organização e a disposição dos trabalhadores. Ele conta o que viu.

A chuva que caiu na madrugada do dia 12 — a noite seguinte à decisão de ir à greve — não diminuiu o ímpeto dos metalúrgicos que saíram da sede do sindicato, das delegacias sindicais e dos pontos de concentração das diferentes áreas, para se integrarem aos piquetes. O dia amanheceu com os metalúrgicos em greve e, quando o sol esquentou, mais de 70% dos trabalhadores estavam parados. O primeiro dia de greve se iniciava com sucesso.

UM SUSTO: — ESTÃO ENTRANDO NA GREVE

Cinco e trinta da manhã, chuva caindo forte, uma operária metalúrgica chega à sede do sindicato, na rua Ana Néri, e não consegue disfarçar a emoção:

— Reforcem os piquetes na GE. Tem gente entrando. Não é possível. Será que eles querem ficar a vida inteira ganhando dois mil cruzeiros? Meu chefe já me viu por lá e me marcou. Mas eu não entro.

Na General Electric, às 6h30, os operários estavam aglomerados ao longo da rua Miguel Ângelo, nos bares e em frente dos portões. Diante do portão

Quinze Anos de Greve de 2

principal, a PM garantia a propriedade norte-americana. "Estamos aqui para garantir o patrimônio físico e a integridade da empresa", gritou o oficial pelo megafone.

"Por isso não. Podem ir embora", era o comentário dos grevistas. Lá, como em todos os piquetes, os trabalhadores se comportaram com calma, em ordem, sem violência. Os piquetes conversavam com os trabalhadores que chegavam, explicando a decisão da Assembléia.

Mas os americanos e seus testas-de-ferro queriam vitória. O carro de um chefe forçou passagem, acelerando à frente um grupo de pessoas e passou por cima do pé de um operário. Vaiado, ele ameaçou chamar a polícia, e atacar. Os trabalhadores compreenderam a provocação: permaneceram firmes, sem responder.

O gerente apareceu para pedir que deixassem entrar os encarregados de manter o forno de fabricação de lâmpadas aceso. Ninguém entrou. Os trabalhadores em greve disseram que só receberiam instruções do comando de greve.

A General Electric estava

O que os metalúrgicos estão pedindo

- 83% de aumento
- Cr\$ 6.114,00 (piso salarial)
- Estabilidade para delegados sindicais e comissões de fábrica
- Estabilidade para a mulher gestante até dois anos após o parto.
- Adicional de insalubridade calculado sobre o ganho real.
- Uniforme e sapato gratuitos.
- Equiparação salarial.
- 1/12 a mais na carteira para cada mês de trabalho na hora da demissão.
- O empregado novo terá o mesmo salário do que foi dispensado.
- Creches em todas as empresas.
- Férias em dobro.
- 40 horas de trabalho semanais.
- Abono de faltas para os estudantes em dias de prova.
- Data base em 1º de agosto de 1979
- Desconto opcional de 1% do salário, em favor do Sindicato.

Is de Ferro e Fogo, 50 Mil Metalúrgicos

CHICO BÊ



sação: "Muito fácil. Não houve problemas," disse ele. "Todo mundo estava mesmo com vontade de parar." A Schindler, Cofaban 1 e 2, Sauer e Gillette, entre outras, pararam completamente.

Os piquetes da área de Guadalupe estavam formados por mais de vinte trabalhadores na porta de cada fábrica. Quando os trabalhadores chegavam, iam engrossando o número. No meio da manhã, a paralisação já era completa. Cento e cinquenta piqueteiros se reuniram para avaliar o trabalho e programar o que fazer.

Em Vicente de Carvalho, a paralisação teve alguns incidentes. Diante da Federal Mogul e da TRW a polícia apreendeu faixas dos piquetes. Só devolveu duas horas depois.

Pior foi o que fez Elcio Pedro, caixa da contabilidade de uma empresa da área. Ele deu provas de amor e devoção aos patrões lançando sua reluzente "Brasília" branca contra um grupo de operários. Uma trabalhadora foi atropelada, ferida na perna.

Em compensação, a TRW parou à meia-noite, logo que os operários souberam da decisão da Assembléia. Na Standard Electric, uma das fábricas com os operários mais ativos da região, ninguém trabalhou.

Encerrados os piquetes operários da área de Vicente de Carvalho fizeram assembléia em praça pública, traçando um balanço das primeiras horas de greve, explicando o movimento para a população. Presentes mais de mil trabalhadores da Standard Electric, Aeroquip, TRW, Federal Mogul e outras fábricas menores.

Os patrões da CBV, fábrica no início da via Dutra, bancaram os espertos. Já que tinham encomendas urgentes, resolveram propor um acordo em separado, aceitando todas as reivindicações dos grevistas. O piquete esclareceu: "A greve é de toda a categoria. Se querem que voltemos ao trabalho, convençam os outros patrões a aceitarem nossas reivindicações. Aqui ninguém trabalha." Ninguém trabalhou lá, nem na Microlab Eletrônica. As duas fábricas pertencem ao mesmo dono.

a maioria das fábricas não funcionou.

Nova Iguaçu parou tudo. Na Metalúrgica Iguaçu ninguém sequer ameaçou entrar.

NAVIOS PODEM ENFERMOS

Na passarela da Avenida Brasil, frente ao cemitério do Cajú, uma grande faixa anunciava a greve. Dois piquetes estavam organizados, um de cada lado da passarela. Os piqueteiros abordavam quem descia dos ônibus e distribuíam panfletos. Vários ônibus voltaram imediatamente com todos os passageiros.

— Companheiros, disse um dos grevistas, a nossa luta é por alguma coisa muito digna e justa. A gente deve ter orgulho de ser operário e de participar, pois é um problema de todos. Nada de traição com os outros companheiros. A máquina somos nós e nós estamos aqui.

Na entrada do Estaleiro Caneco havia uma "joaninha" e um "camburão" da PM. Mais de 300 trabalhadores viajavam quem tentava entrar na fábrica. Só entraram os chefes e diretores do estaleiro. A via assustava, a cada instante que a massa gritava "Um, dois, três, queremos oitenta e três".

Na Ishibrás apareceu um estranho indivíduo, de uniforme e capacete da empresa, querendo entrar. Abordado pelo piquete, desistiu de entrar, parecendo aborrecido e ao contrário dos outros trabalhadores não tomou o ônibus: entrou num "Passat" novinho em folha.

No estaleiro Cañeco registrou-se uma cena violenta. Trabalhador da Ishikawagima, que fazia piquete lá, chamado Dileci, foi agredido por um policial civil que saltou da viatura 2490, da 17.ª DP. O policial agarrou Dileci, o primeiro que caiu em suas mãos, o derrubou no chão. Em seguida chutou-lhe a barriga. Quando o operário tentou se levantar, foi ameaçado com uma metralhadora. Quando os policiais viram que se aproximavam mais pessoas, entraram no carro e fugiram.

Apesar de tudo, a paralisação nos estaleiros foi total. Sem fura-greves, nem um arebite foi cravado nos navios. Caneco, Ishikawagima, Ishibrás e EMAQ, na Ilha do Governador, completamente paradas.

NOVIDADE NA FICAP

A FICAP, fábrica de fios e cabos elétricos, situado no começo da via Dutra, nunca havia parado em toda sua história. A empresa vinha desenvolvendo um esquema de repressão e controle interno que conseguia evitar a mobilização. Ameaças, subornos, controle dos trabalhadores, demissões.

Mesmo assim a FICAP parou. E parou de verdade. Seis trabalhadores que furaram a greve, saíram depois de conversar com o piquete. Um dos esquemas dos patrões da FICAP era fazer que os mestres e outros chefes chegassem na fábrica com bastante antecedência. Lá dentro, organizarem um "antipiquete". A manobra dos italianos não funcionou. O piquete verdadeiro chegou antes. Os puxa-sacos não puderam fazer mais nada.

GREVE AVANÇOU

A tarde, no Sindicato, começavam a chegar as informações do início da greve em outras áreas. E se confirmou a paralisação das grandes fábricas e da maioria das fábricas menores. As duas da tarde calculou-se que mais de cento e cinquenta mil metalúrgicos estavam parados.

Na Avenida Brasil, fábricas como a White Martins, Ciferal, Caio, Emesa, Codima, Metaltex, Atlas Metalúrgica, Imesa e Forjas Rio, além de dezenas de fábricas menores não produziram. Os piquetes funcionaram bem, com poucos incidentes.

Na área de Campo Grande a informação era de que 75% das fábricas estavam paradas, principalmente as grandes. Na Cosigua, parcialmente paralizada, esperava-se que na virada do turno, o restante aderisse à greve.

Em São Cristóvão um operário definiu a paralisação:



parada. O temor da jovem metalúrgica acabou.

VAMOS PARAR MAIS UMA

No começo da rodovia Washington Luls, em Duque de Caxias, os piquetes já estavam desde cedo na porta de várias fábricas. Os trabalhadores da CEC na porta da SANVAS, e vice-versa. Assim, os piquetes se protegiam melhor de provocações e ameaças de chefes e encarregados.

Na SANVAS, tudo em ordem. Ninguém entrava: os trabalhadores recebiam os folhetos do sindicato e se comprometiam a ir até a sede para ajudar em outros locais.

Mas nas outras fábricas da área — quase todas menores — a greve enfrentava problemas. Na CEC, vinte operários entraram — pequena quantidade, diante de quase mil trabalhadores da fábrica, que constrói peças para a indústria naval. Era desmoralizante. Por isto, enquanto alguns trabalha-

dores organizavam um piquete perto da rodovia, outros subiam para conversar com os que estavam lá dentro. Mal chegaram, começaram a explicar a greve. Os trabalhadores que já tinham entrado trocaram novamente de roupa e saíram. Surpresa:

— Companheiros, desculpem. É que lemos no "Dia" que haviam feito um acordo.

A manobra do jornal de Chagas Freitas falhou. A presença dos piquetes informou os operários sobre o que a Assembléia decidira.

Mas ainda existiam fábricas em funcionamento. Na Fundação Paulicéia, em frente à SANVAS, os piqueteiros viram quinze trabalhadores entrando. Mandaram um grupo de operários lá, que convenceu todos a saírem da fábrica. E nasceu um novo piquete. O mesmo aconteceu com a Tróia, pequena metalúrgica da região. E também com a Sideração. A Washington Luls parou.

E assim estavam a Kibrás, em Duque de Caxias, onde

OLHO VIVO



EDITORA

Jornal da Baixada
Uma publicação da Olho Vivo
Editora — Rua Belkis, 108 — fundos.
S. J. de Meriti
CGC: 30.607.519/0001-01
Diagramação: Caco Appel
Desenhos de Cláudio Paiva
Foto: Custódia Coimbra
Editor: Alceu Nogueira da Gama
Composto e Impresso na Editora Mory — Rua do Resende 65/67 — R.J.

20 MIL

DECRETAM

GREVE

Quase vinte mil metalúrgicos decretam a greve, na noite de terça-feira, dia 11. Reunidos na sede do Sindicato, na Rua Ana Neri, Rio os metalúrgicos praticamente tiveram que fechar o tráfego da rua, pois o auditório do edifício era pequeno pra tanta gente. Nenhum estúdio aceitou ser o local da Assembléia, cumprindo ordem da Secretaria de Segurança.

Depois de lida a proposta dos patrões, o plenário, em peso, aos gritos de "greve!", "greve!" rejeitou a proposta patronal e decretou a paralização a partir da meia-noite do dia 11. Joaquim Arnaldo, relator da Comissão de Salário, resumiu em poucas palavras o que a maioria dos 250 mil metalúrgicos do Rio de Janeiro estava pensando: "O barulho das máquinas não deixa o patrão nos ouvir. É preciso parar as máquinas para que o patrão possa ouvir a gente".

Bônus vai garantir fundo

Mais de quarenta instituições — Sindicatos, Federações, Comitês de Anistia, entidades de classe, estudantes, e jornais independentes — se reuniram para formar uma Comissão de Apoio à Greve dos Metalúrgicos. Uma das formas de apoio aprovadas foi o de ajudar o fundo de greve, levantado através da venda de bônus.

Os bônus serão vendidos com os seguintes objetivos:

— Sustentar o movimento grevista e garantir, assim, a maior duração da greve.

— Criar um fundo que possa servir de apoio às lutas de todos trabalhadores.

— Fazer a greve conhecida de toda a população, para que esta entenda seus objetivos e ajude na sustentação do movimento.

Os bônus vendidos são impressos na cor vermelha, numerados, para evitar falsificações.

Greve não é só para homem

Companheira metalúrgica e mulher de metalúrgico:

Seu marido está em greve. E você, que cuida da família, lava, passa, cozinha e faz o verdadeiro milagre de comprar arroz, feijão, leite e até carne "de vez em quando", sabe que esta greve é para melhorar as condições de vida de sua família e das famílias de todos os metalúrgicos.

Por isso você está isso você está convocado para participar dessa luta.

É muito importante sua

colaboração. Já estão sendo providenciados locais juntos de suas casas onde deixar seus filhos com pessoas responsáveis e com toda segurança.

Formas de você ajudar na luta são:

— Vendendo bônus.

— Distribuindo propaganda.

— Participando dos piquetes.

Metalúrgicos, e mulheres de metalúrgicos, o apoio à greve é importantíssimo.

Assinado, a Diretoria e o Comando da Greve.

CRIANÇAS NA CRECHE, MULHERES NA GREVE

As mulheres metalúrgicas estão participando ativamente da greve. Uma mulher faz parte da Comissão Executiva da Campanha Salarial e dez mulheres fazem parte da Comissão de Salário.

É uma novidade, fator importante para a mobilização feminina. Lenilda e Alzira não quiseram identificar suas fábricas porque sabem que, se reconhecidas pela empresa, serão demitidas. Elas contam como tem sido a mobilização das mulheres metalúrgicas.

Lenilda: Eu acho que uma coisa nova em termos de campanha é que desde o início, as mulheres estão participando. Em junho, nós fizemos o Primeiro Encontro das Mulheres Metalúrgicas. Ai, já conversamos sobre a campanha salarial, a importância da gente participar e tudo mais.

Alzira: Decidimos também incluir algumas reivindicações específicas da mulher: o direito à creche, a estabilidade para a gestante, e o problema do salário igual para trabalho igual. Porque, geralmente, a mulher faz o mesmo trabalho e tem um salário inferior. O problema da profissionalização é outro ponto importante.

Job — O que vem a ser exatamente essa questão da profissionalização?

Alzira: É que praticamente não tem nenhuma mulher metalúrgica que seja profissional. Pouquíssimas têm uma profissão. Somos 80 mil mulheres metalúrgicas e, pelo que a gente sabe, só duas são profissionais, inspetoras de qualidade. A mulher sempre é auxiliar. Ali ela vai morrer porque além de trabalhar na máquina, ela vai fazer o quê?

No SENAI não tem cursos para a mulher. Nos cursos que tem, eles não deixam entrar. Só se a empresa pedir e assim mesmo é muito difícil conseguir entrar. Uma das lutas que a gente tem que travar é essa.

Lenilda: Outro problema da mulher é o da exploração sexual. Os chefes cantam as meninas. Se elas não dão bola, são demitidas. Isso é uma coisa que acontece muito dentro da empresa.

Job: Alguma mulher já foi demitida por causa dessa campanha salarial?

Alzira: Na área de Inhaúma, duas companheiras foram demitidas por causa da participação na campanha. Foi na Sidan. Elas eram antigas de

casa. Eles diziam que não mandavam elas embora de jeito nenhum. Mas foi só elas começarem a participar da campanha que eles mandaram demitir.

Job: Como tem sido a participação das mulheres nas assembleias do Sindicato?

Lenilda: Olha, antes não aparecia quase nenhuma mulher por aqui. Mas nas últimas assembleias tem vindo bastante. Na reunião da área de São Cristóvão, por exemplo, acho que 50% eram mulheres. Elas estavam bastante animadas mesmo, assumindo tanto quanto os homens. Acho que em todas as áreas está assim.

Alzira: Uma das coisas que eu achei importante é que vamos fazer um esquema de creches durante a greve para que as mulheres metalúrgicas, e as esposas dos metalúrgicos, possam deixar as crianças e ficarem livres pra poder atuar. Então, a gente já tem alguns lugares onde vamos poder deixar os filhos enquanto participamos da greve. Acho que, se isso funcionar, vai ser muito bom. É uma experiência concreta de creche e uma das reivindicações mais importantes das mulheres é justamente essa.

Entrego vocês à polícia, ameaçou diretor do Caneco

Na véspera da greve, três membros da Comissão de Salário fazem um balanço da campanha: Agenor da Silva. (Estaleiro Caneco), Washington da Costa (da FICAP, no Jardim América) e Ricardo A. (do estaleiro EMAQ, na Ilha do Governador).

Job: Como está a situação na fábrica de vocês?

Agenor: No Caneco, o pessoal não abre mão dos 83%. É 83%, ou greve. É claro que todas as reivindicações são importantes, mas a meu ver, a classe lá do Caneco está acentuando mais 3 pontos: o piso de Cr\$ 6.114,00, a estabilidade para os representantes das comissões de fábrica, e os 83%. São mais ou menos 6.000 empregados no Caneco e nós estamos todos preparados para a greve.

Washington: Lá na FICAP tem uma coisa que o pessoal se apega: é o problema das 40 horas. Nós trabalhamos 48 horas certinho, no sábado e todos os dias da semana. Agora, o principal mesmo, e disso eu acho que é geral para a categoria, é o aumento de 83%.

Job: Quais os problemas que a campanha está tendo que enfrentar?

Washington: O problema mais sério para os ativistas é a segurança no emprego. Cerca de oito membros da Comissão de Salário já foram demitidos e sete foram presos quando faziam propaganda das reivindicações da categoria. Geralmente ficaram pouco tempo e foram interrogados sobre várias coisas: se tinham ligações políticas, ligações com o Lula, com o PTB.

Ricardo: Um cara que foi preso estava dizendo que queriam saber se ele era do PTB. Só que quando o PTB foi extinto, em 1964, o cara não tinha ainda nem idade para votar e nem sabia o que era política.

Agenor: No Caneco, na semana passada, o diretor da empresa convocou os elementos ativistas para fazer ameaças. Estavam dizendo que tinham nossas fotografias, nossas fichas prontas pra mandar pro DOI-CODI. Mas não é isso que vai nos aniquilar. Mesmo usando supervisores para nos amedrontar, nos ameaçar, a massa está unida e ninguém tá com medo.

Ricardo: Na EMAQ até que foi diferente. Eles vendiam um vale de 24 refeições por Cr\$ 397,00. Em plena campanha, eles baixaram para Cr\$ 140,00. E também prometeram promoções.

Job: Desde quando não há uma movimentação como essa aqui no Rio?

Washington: Pelo que o pessoal mais antigo fala aí, desde 65 que não tem uma mobilização como essa. A última assembleia de 65, quando os metalúrgicos foram à greve mesmo depois da revolução, foram uns seis ou sete mil que decretaram greve. Conseguiram um aumento melhor, mas depois eles apertaram, intervieram no sindicato e aí acabou tumultuando o troço todo. Agora o pessoal começou a falar novamente em greve e a se organizar para fazer a greve. Hoje a gente percorreu várias fábricas e viu que o pessoal está mesmo esperando a greve. Há dois ou três meses atrás, o pessoal já perguntava: "Quando é que vai ser a greve?" O que interessa é a greve.

Ricardo: O que interessa não é a greve, é aumentar o salário.

Agenor: É tá ficando claro que quem tá querendo greve são os patrões. Se eles não quisessem greve, já teriam atendido às nossas reivindicações.

Washington: Mas a gente vê a única arma que o trabalhador está desmobilizado, que não vamos conseguir nada e divulgamos, dentro da empresa, que não vai ter greve. Mas aí a gente chega na porta da fábrica e confirma.

Job: E até agora, o que ficou de positivo da campanha?

Agenor: Acho que uma das coisas que já conseguimos foi a adesão dos companheiros novos, que ainda não participaram do sindicato. Antigamente, a gente falava em Sindicato na fábrica e os companheiros vinham com quatro pedras na mão: Hoje, o pessoal já tá querendo participar. Basta ver as assembleias que o Sindicato tem feito.

Job: E como está a situação na Baixada?

Washington: O problema mais sério na Baixada é o de Caxias. A gente está com o pé atrás, porque o pessoal está muito devagar. O pessoal acha que o delegado sindical de lá está desleixado. Ele não participa das reuniões. A gente manda a propaganda e ele não distribui direito. A gente ouve muita reclamação contra o desinteresse dele. Agora, tem algumas fábricas lá que estão bem fortes, onde o pessoal está bem animado: na Procar, na Marmicoc e na Sanvas. E o pessoal de Nova Iguaçu também está muito disposto.

ESTENDE A MÃO EM CONCILIAÇÃO PRO SIMONSEN, DELFIN, ANDREAZZA, E NA HORA DOS REAJUSTES SALARIAIS, VIVEM DE MÃO FECHADA!

